

O TRABALHO SOCIAL REPRODUTIVO DAS MULHERES EM “O CONTO DA AIA” DE MARGARET ATWOOD

Ive Fróes Cândido

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: ivefcandido@gmail.com

Márcia Santos Lemos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: marcialemos.uesb@gmail.com

2351

INTRODUÇÃO

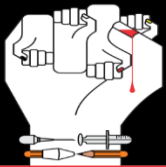
The Handmaid's Tale, traduzido no Brasil como “O Conto da Aia”, é um livro de ficção distópica escrito por Margaret Atwood, publicado originalmente em inglês em 1985. A narrativa se passa em uma sociedade pós guerras, desastres ambientais e devastação dos recursos naturais, onde há uma diminuição da fertilidade e reprodução da espécie humana atribuída a ampliação dos direitos reprodutivos das mulheres. Nesse contexto, nos Estados Unidos, um grupo religioso toma o poder então estabelecido, construindo uma teonomia autoritária e militarizada, denominada República de *Gilead*.

A partir da defesa e proteção à moral, à família e à segurança reprodutiva, o governo militar de *Gilead* sujeita indivíduos, estabelecendo uma hierarquia socioeconômica e binária a partir da natureza do trabalho desempenhado pelas pessoas naquela sociedade. As mulheres serão distribuídas nas funções de Tias, Marthas, Aias, Esposas, Econoesposas e Não-mulheres; e os homens nas de Comandantes, Anjos, Guardiões, Olhos.

A sujeição das mulheres, no enredo, permanece central à constituição do próprio Estado, uma vez que são elas quem têm a capacidade gestacional, motivo ensejador da desestabilização da segurança social e do antigo Estado.

As mulheres (e homens), assim, são apresentadas a partir do seu lugar social e, em especial, no caso das Aias, servem ao propósito de procriação para os Comandantes e suas Esposas. Elas são usadas unicamente para a exploração reprodutiva, sendo destituídas de autonomia e subjetividade, tornando-se força de trabalho para o Estado:

As Aias, portanto, são uma propriedade do governo e possuem importância somente por sua capacidade biológica. O não-nome (somente determinação de pertencimento a um comandante) e a não



identidade desumaniza essas mulheres e coloca-as em um espaço de não-existência¹.

Ao seguir os diferentes afazeres das mulheres na sociedade de *Gilead*, intencionalmente ou não, Atwood instiga um olhar sobre o trabalho reprodutivo, considerado como aquele realizado pela mulher na reprodução social da vida, seja ele procriador ou de cuidado físico, psicológico e afetivo.

Se por um lado, o sistema de acumulação de capital precisa de trabalhadores/as cuja força de trabalho produza mais-valor, em paralelo e imbricada à produção, existe uma força reprodutiva, em especial das mulheres, que garante: a) a existência de novos trabalhadores, a partir do parto; b) a sua regeneração, com apoio de alimentação, organização do espaço privado; c) regeneração de não-trabalhadores, tais como crianças, enfermos e idosos².

Observado o exposto, o objetivo desta pesquisa é verificar porque o controle do trabalho reprodutivo das mulheres tornou-se central para a ascensão e manutenção do Estado de *Gilead*. No sentido de responder essa questão, busca-se realizar um estudo imanente da sociedade descrita na obra e estabelecer uma análise comparativa com a teoria da reprodução social.

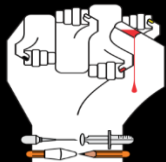
Ao por a lente do materialismo histórico sobre a narrativa, Rooholla Roozbeh, no texto *The Handmaid's Tale Through the Lens of Marxism*³, expõe as similaridades entre as estruturas sociais de *Gilead* e a sociedade do capital, uma vez que em ambas existem: uma sociedade classes; religião como ópio das massas; um aparato ideológico estatal; e proletariado.

A existência dos marcadores sociais em *Gilead*, no sentido de delimitações da sociedade a partir de uma divisão por *status*, em diferentes cores de uniformes e funções exercidas, dilui a diferenciação mais profunda dessa sociedade, qual seja, entre aqueles que detêm o poder político-econômico e aqueles que têm seu trabalho explorado.

¹ KRUGER, Luana de Carvalho; MARQUES, Eduardo Marks de. **O corpo-objeto em O Conto da Aia** – a desformatização do corpo da mulher no universo distópico. In: Andrei dos Santos Cunha; Cinara Ferreira; Gerson Roberto Neuman; Rita Lenira Bittencourt. (Org). *Ilhas Literárias – Estudos de Transárea*. 1ed. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras UFRGS, 2018, p. 512-523. Disponível em: https://www.ufrgs.br/ppglettras/coloquiosularquipelagos/artigos/56_corpoobjeto.pdf. Acesso em 20 mar. 2022.

² BHATTACHARYA, Tithi. **O que é a teoria da reprodução social?** In: Esquerda Online. Tradução de Renata Vereza. [S.I.], 08 mar. 2019. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/03/08/tithi-bhattacharya-o-que-e-a-teoria-da-reproducao-social/>. Acesso em 22 abr. 2022.

³ ROOZBEH, R. (2018). *The Handmaid's Tale Through the Lens of Marxism*. *Studies in Literature and Language*, 17(1), 16-20. Available from: <http://www.cscanada.net/index.php/sll/article/view/10328> DOI: <http://dx.doi.org/10.3968/10328>. Acesso em: 21 de março de 2022.



Mesmo a obra sendo concebida a partir da perspectiva da narradora, em primeira pessoa, e de sua vivência como Aia na casa de um Comandante, infere-se que todo um conjunto de trabalhadores exerce atividades para a manutenção da sociedade e do Estado - no comércio, indústria e serviços - que mantém-se fiéis ao sistema social e religioso, enquanto uma parcela da população detém o poder econômico, podendo transitar nas contradições do próprio sistema teonômico. Cita-se, por exemplo, a existência da Casa de Jezebel, nome dado ao estabelecimento destinado à prostituição, em que os homens de *status* privilegiado (e algumas Tias) têm livre acesso ao álcool e ao sexo sem as amarras do sistema, ambos proibidos publicamente em razão do discurso de privações de caráter religioso do Estado.

2353

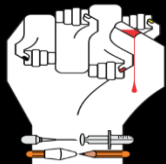
O presente estudo pretende, assim, entender as experiências da ficção de Margaret Atwood em “O Conto da Aia” para discutir o processo de reificação das mulheres, no intuito de fazer os paralelos necessários com a realidade concreta e pensar sobre a superação das opressões de gênero. Pensar o trabalho reprodutivo é de suma importância para compreender os discursos filosóficos, religiosos e científicos que perpetuaram, e ainda mantém, a subordinação de gênero, com privações de direitos civis e sociais, além de legitimar a opressão contra as mulheres.

Há quase 40 anos, Atwood reflete sobre a utilização e o controle pelo Estado das mulheres. Essa leitura, entretanto, só é possível a partir da difusão dos estudos feministas sobre o trabalho reprodutivo. Dessa forma, se faz necessária uma releitura do enredo sob a perspectiva materialista, histórica e feminista, no intuito de entender as contradições do sistema *gilediano* e como as mulheres, em seu trabalho reprodutivo, foram centrais.

METODOLOGIA

O projeto de estudo parte da análise do livro “O Conto da Aia”, da Margaret Atwood, publicado pela Rocco no Brasil em 2017, cotejado com o texto no original em inglês, *The Handmaid's Tale*, da editora HMH, edição lançada em 2017.

Para análise da fonte primária em suas duas versões também será utilizada a literatura já produzida sobre o tema, que versa sobre a narrativa, sua construção e interpretações, aliada ao aprofundamento das categoriais utilizadas no estudo, tais como Teoria da Reprodução Social (TRS), trabalho e violência de gênero.



Busca-se empregar o estruturalismo genético da literatura de Lucien Goldmann⁴ para desenvolver a compreensão e explicação da narrativa. Após a sistematização das informações extraídas da obra será constituído o quadro comparativo com a teoria da reprodução social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O livro “O Conto da Aia” denota as violências de gênero vivenciadas por suas personagens, tornando-se fonte de diversos estudos que buscam, a partir do enredo, identificar a subordinação das mulheres em uma sociedade marcadamente patriarcal, religiosa e desigual.

A discussão sobre a reprodução social, sob a perspectiva materialista, evidencia a existência de uma gama de atividades desempenhada pelas mulheres que subsidia a sobrevivência do trabalhador e contribui para a acumulação de capital. Nesse sentido, autoras como Biroli, Frederici, Bhattacharya, em virtude da sua importância para o entendimento da Teoria da Reprodução Social (TRS), são referências para o desenvolvimento desta pesquisa.

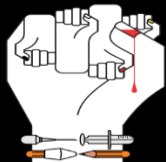
O que se pretende apresentar é uma nova interpretação das estruturas sociais e políticas desenvolvidas por Margaret Atwood no livro “O Conto da Aia”, destacando a importância do trabalho de reprodução social das mulheres para a formação e manutenção do Estado *gileadiano*, a partir dos estudos da TRS.

CONCLUSÕES

A partir das hipóteses lançadas no estudo, entende-se, até o momento, que a tomada e manutenção do poder em *Gilead*, por um governo teonômico e autoritário, só foi possível com a apropriação pelo Estado do corpo das mulheres, desembocando na sujeição desta categoria social.

Compreender alguns aspectos da formação da estrutura social distópica faz com que haja a reflexão sobre como as mulheres, na realidade concreta, transitaram na construção das sociedades de acumulação de capital, com possibilidade de

⁴ LÖWY, Michael. **Goldmann e o estruturalismo genético**. In: *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 125, p. 24-40, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/Tvvdqsp69P8WNynS5PzNvkz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 abr. 2022.



apontamentos das suas convergências e diferenças, a partir de um estudo teórico do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Reprodução Social. Mulheres. Literatura. Trabalho.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret Eleanor. **O Conto da aia**. Tradução Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret Eleanor. **The Handmaid's Tale**. Boston: HMH, 2017.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? *In: Esquerda Online*. Tradução de Renata Vereza. [S.I.], 08 mar. 2019. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/03/08/tithi-bhattacharya-o-que-e-a-teoria-da-reproducao-social/>. Acesso em 22 abr. 2022.

KRÜGER, Luana de Carvalho; MARKS DE MARQUES, Eduardo. **O corpo-objeto em O Conto da Aia** -a desperformatização do corpo da mulher no universo distópico do romance. *In: CUNHA, Andrei dos Santos; FERREIRA, Cinara; NEUMANN, Gerson Roberto; BITTENCOURT, Rita Lenira. (Org.). Ilhas Literárias-Estudos de Transárea*. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras UFRGS, 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppglettras/coloquiosularquipelagos/artigos.html>. Acesso em: 21 mar. 2022.

LÖWY, Michael. Goldmann e o estruturalismo genético. *In: Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 125, p. 24-40, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/Tvvdqsp69P8WNynS5PzNvkz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 22 abr. 2022.

ROOZBEH, R. (2018). The Handmaid's Tale Through the Lens of Marxism. **Studies in Literature and Language**, 17(1), 16-20. Available from: <http://www.cscanada.net/index.php/sll/article/view/10328>. Acesso em: 21 mar. 2022.

2355